

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Carioca**

código  
**AIV - F16 - PS**

localização  
**1º distrito de Paraíba do Sul, km 09 da Estrada Municipal da Passagem**

município  
**Paraíba do Sul**

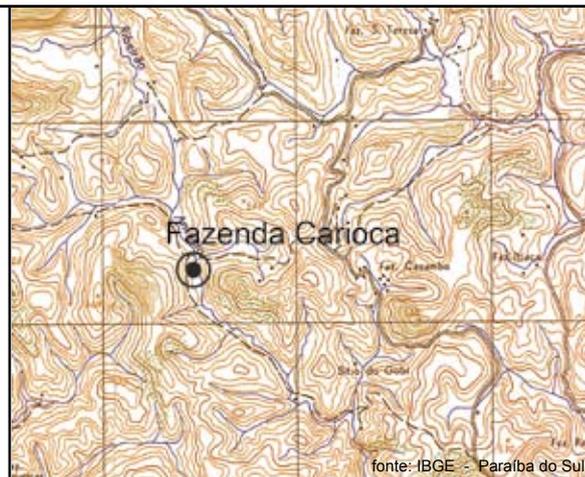
época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**agropecuária e recreio / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Paraíba do Sul



Fazenda Carioca, fachada principal

coordenador / data **Iracema Franco e Domingos Aguiar – mar 2009**  
equipe **Iracema Franco, Domingos Espíndola de Aguiar e Elomir Gumiero**  
histórico **Iracema Franco (compilação de texto: Vera Lúcia Figueiredo)**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**



situação



ambiência

A Fazenda Carioca está localizada no primeiro distrito do município de Paraíba do Sul, no km 9 da Estrada Municipal da Passagem, a uma distância de 10 km do centro da cidade. Partindo do núcleo urbano, tomando-se como ponto inicial o trevo na BR-393, no bairro Limoeiro, entra-se à esquerda, próximo à Polícia Rodoviária Federal e se tem acesso à estrada municipal pela qual se chega à fazenda.

O trajeto segue asfaltado até o bairro Eldorado e daí em diante em leito de terra, por um traçado sinuoso que acompanha o relevo. Depois de passar pela Colônia de Férias ASMEG, por alguns sítios e pela Fazenda Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, antiga Caxambu, continua-se acompanhando as terras desta propriedade, até o km 9. Deste ponto se abandona a estrada municipal para se tomar à esquerda o caminho que leva à sua sede. Neste percurso, ao passar por uma porteira, ao longe, já se avista a fazenda.

A sede está implantada no fundo de um pequeno vale, circundada por morros em meia laranja recobertos por vegetação que entremeia pequenas matas, capoeiras e vários tipos de pastagens. As terras da Fazenda Carioca fazem divisas com as fazendas Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Retiro, Recato e com terras do Sr. Olimpio Inácio Alves (f01).

As edificações que caracterizavam a atividade cafeeira já não mais existem, restando apenas seus vestígios, como embasamentos de pedra e canaletas (f02 a f06).

Na frente da sede existem construções de apoio à pecuária leiteira, atual atividade produtiva da fazenda (f07 e f08).



01



02



03



04



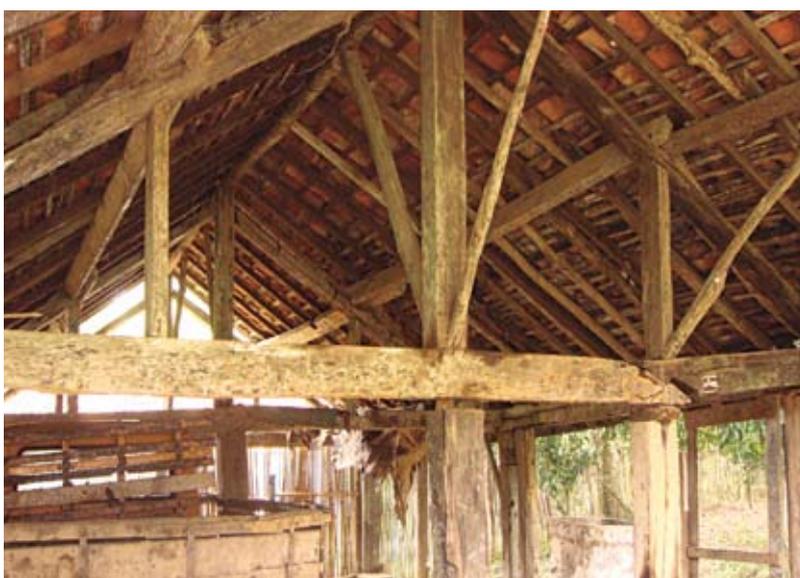
05



06



07



08

Esta pequena casa-sede, com cerca de 500 m<sup>2</sup>, possui planta retangular, composta de varanda fechada, capela, sala, quatro quartos, sala de almoço aberta, cozinha, e banheiros, estes últimos provavelmente incluídos em reformas posteriores.

Foi construída em um único pavimento, sob embasamento de 60 cm, revestido em argamassa, pintado atualmente na cor cinza. No encontro da fachada lateral direita com a frontal ainda permanece um cunhal em argamassa, porém, nas demais fachadas, este elemento foi suprimido pela substituição das paredes de pau-a-pique por tijolos cerâmicos (f09 a f11).

O telhado da Fazenda Carioca provavelmente era de quatro águas, mas, com as intervenções havidas ao longo do tempo, foi seccionado, restando hoje um fechamento da cobertura em três águas. As telhas originais em capa e canal de cerâmica cobrem quase a totalidade da construção (f12 e f13).



09



10



11



13



12

Um pequeno jardim antecede a entrada principal, localizada no terceiro vão à direita da fachada frontal (f14 e f15). Esta fachada é composta por dez vãos em verga reta, de mesma largura e espaçamento, e tem como único elemento decorativo arcos abatidos ressaltados em massa, localizados acima da porta e das janelas, fazendo de sobrevergas (f16). Este singelo ornato se repete na fachada lateral direita. No entanto, nas fachadas lateral esquerda e de fundos, a substituição por materiais contemporâneos alterou-as significativamente. Em uma das fotos antigas aparece, na fachada lateral esquerda, uma porta de acesso com uma escadaria em cantaria que revela certo grau de importância desta entrada (f17 e f18). No entanto, como se pode observar, este trecho foi demolido e a antiga entrada foi reduzida a um pequeno portão de acesso a uma varanda utilizada como sala de almoço (f19).

As janelas são de madeira e vidro, no modelo guilhotina para o exterior e fechamento interno em duas folhas de madeira enrelhada (f20). Internamente, as portas, também em duas folhas, são em madeira como a exterior, com pequena bandeira de madeira e vidro (f21).



14



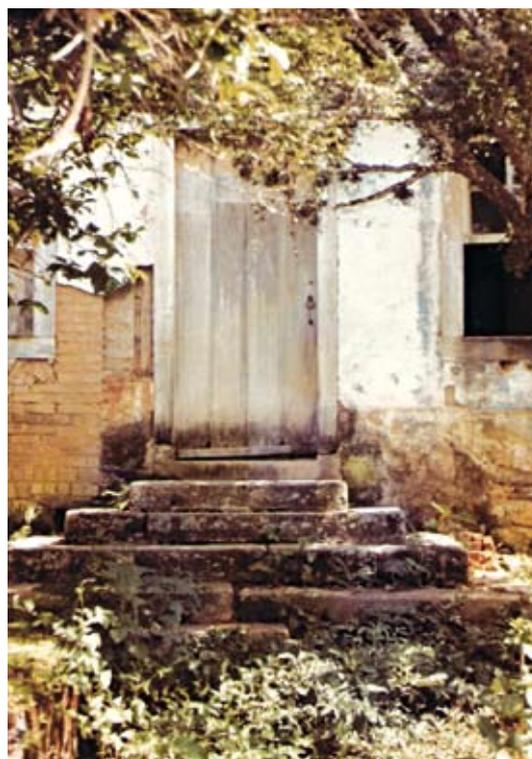
15



16



17



18



19



20



21

Entrando-se pela porta de acesso frontal, chega-se a uma varanda fechada, que funciona como circulação interna e nave da capela, que se localiza no extremo esquerdo desta varanda (f22 e f23). A capela possui portal em arco abatido, trabalhado em madeira com ombreiras e capitéis dóricos (f24). O altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus fica emoldurado por duas colunas caneluradas com capitéis jônicos, algo desproporcionais, de cada lado (f25). Ao fundo o nicho e, sobre este, o “Olho que Tudo Vê”, um símbolo religioso exibindo um olho cercado por raios de luz, dentro de um triângulo, que significa a representação do olho de Deus observando a humanidade. Volutas na cor verde, com detalhes em dourado sobre fundo cinza, ladeiam este triângulo, que está inscrito num arco pleno (f26 e f27). Uma abóbada de berço, determinada por um muito abatido arco, recebe forro em madeira na cor branca, arrematando o espaço deste altar. As cores fortes utilizadas hoje contrastam com os tons neutros e os “fingimentos” mostrados na fotografia antiga (f28). À direita, em posição simétrica à capela, está localizado um quarto que também se interliga à sala.

A varanda facilita o acesso aos outros três quartos da casa e à sala, através de um pequeno *hall* interno, que interliga também esta varanda à cozinha. A partir desta, chega-se à sala de almoço, a um banheiro, à varanda de fundos e à despensa.

As paredes internas são pintadas na cor branca e as portas e janelas na cor azul. Forros saia e blusa em madeira possuem cor branca e são arrematados por roda-tetos de madeira, com faixa azul em meia-cana no encontro com as paredes (f29).



22



23



24



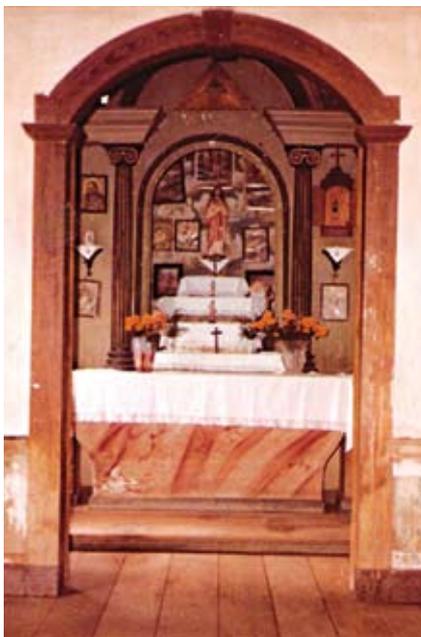
25



26



27



28



29

O forro da sala – uma gamela – apresenta um formato mais apurado, com a parte central mais alta e as laterais inclinadas até encontrar a cimalha, que tem suas “bordas” pintadas em azul, com detalhes em dentículos também ressaltados na cor azul (f30 e f31).

As tábuas do assoalho de madeira, em boa parte, parecem ser originais. Encontram-se sem acabamento e desgastadas, suas largura são variadas e possuem, como arremate, rodapé em madeira pintado na cor vermelho ferrugem (f32 e f33).



30



31



32



33

A casa-sede teve, paulatinamente, seu tamanho diminuído com as demolições ocorridas. As reconstruções e recuperações das partes da edificação foram feitas com materiais contemporâneos e, em alguns trechos, houve alterações na planta. Embora houvesse o esforço do atual proprietário na reutilização dos elementos construtivos antigos, aproveitando telhas e madeiras das senzalas para a substituições na sede, a casa está bastante desgastada pelo tempo (f34 a f37).



34



35

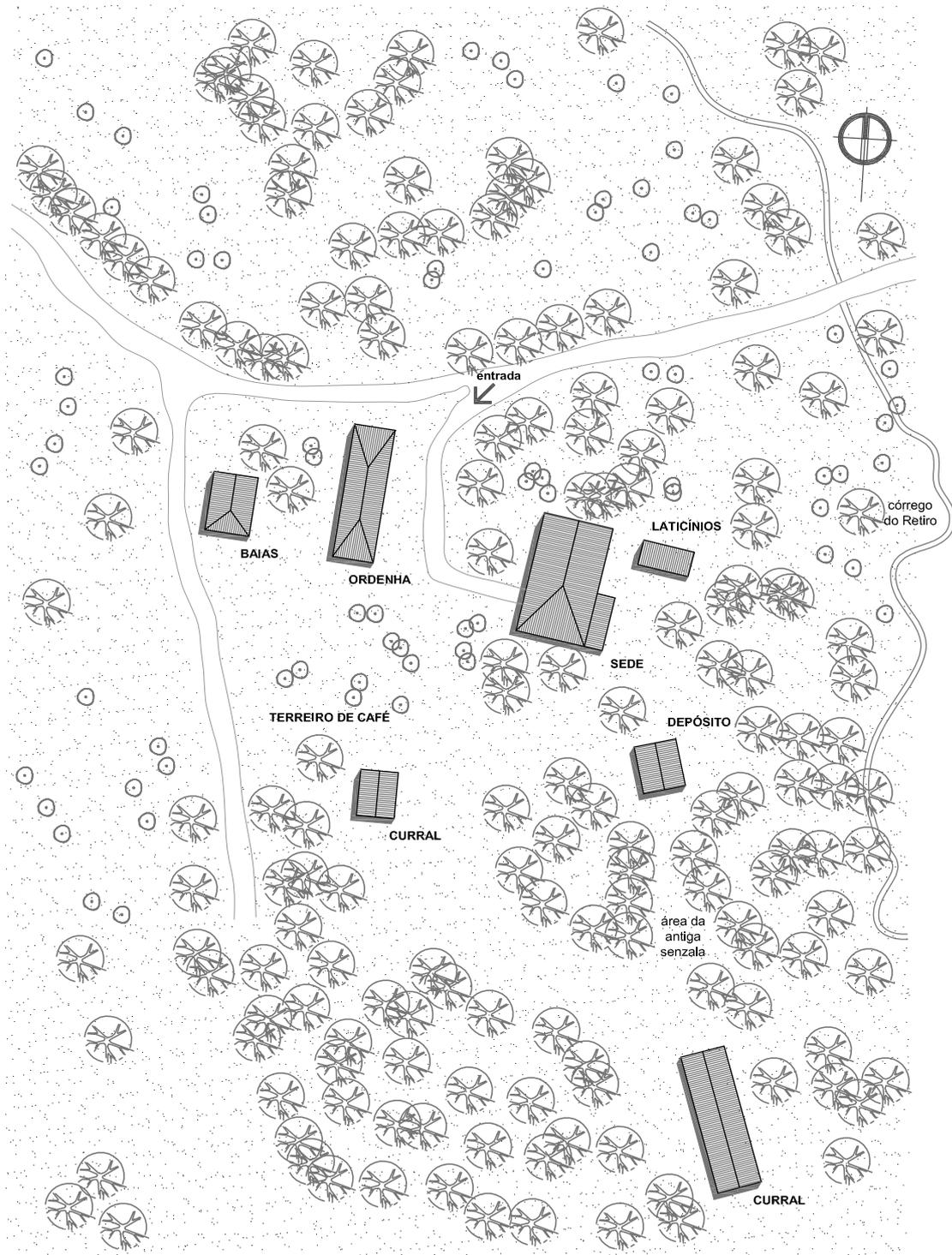


36



37

# FAZENDA CARIOCA



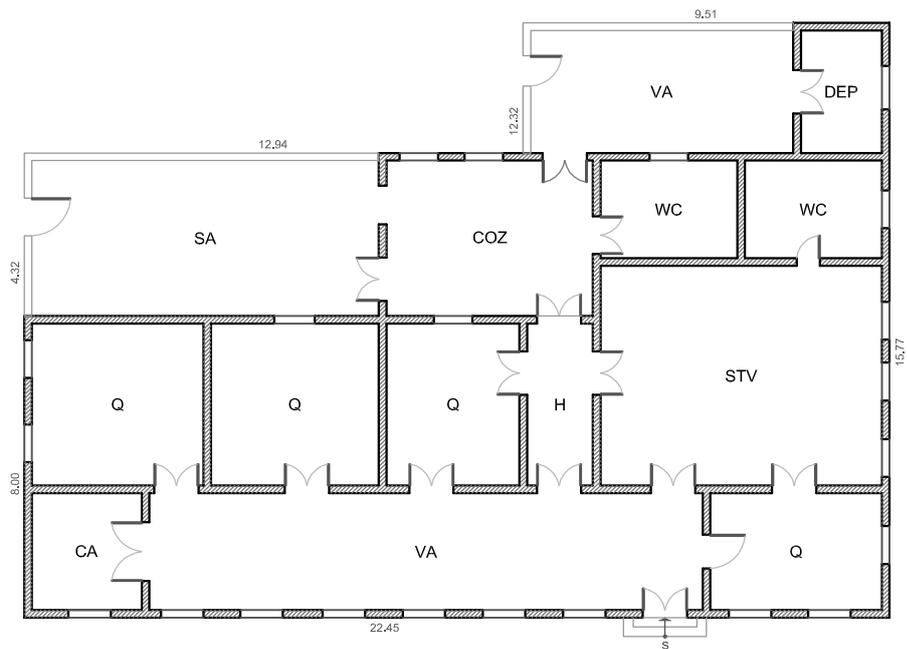
1

Implantação

escala: 1/1250



**FAZENDA CARIOCA**



**1** Planta Baixa da Sede  
escala: 1/200



CA - capela	DEP - depósito	Q - quarto	STV - sala de tv	WC - banheiro	alvenaria existente
COZ - cozinha	H - hall	SA - sala de almoço	VA - varanda		alvenaria demolida

A Fazenda Carioca foi construída por volta de 1850 por João Jacinto do Couto, de acordo com a 1ª Escritura de Compra, Venda e Quitação, de 09 de agosto de 1902. Fazenda tipicamente agrícola, os seus primeiros 50 anos foram dedicados ao cultivo da cana-de-açúcar, milho e principalmente o café, que constituía sua principal fonte de riqueza. A mão-de-obra escrava era utilizada tanto na lavoura quanto nos serviços da casa.

Na época de sua construção, a Fazenda Carioca constava de 130 alqueires de terras, mais ou menos em mata virgem, pastos e capoeiras. De acordo com a referida escritura, existiam várias benfeitorias, como paióis, cocheiras, tulhas; tudo coberto de telhas; casa coberta de telha com todas as máquinas para o preparo do café e fabrico de aguardentes; e algumas casas cobertas de telhas para colonos; dois moinhos para fubá, tendo, em um, máquinas para o fabrico de farinha e ainda 18.000 pés de café novos.

Descendentes de antigas propriedades contam que existia um lindo pomar, restando hoje apenas um jabuticabal em forma de túnel, que tem em suas extremidades quatro palmeiras, também plantada por ocasião da construção da fazenda.

Com a morte do Sr. Jacintho do Couto e de sua mulher, D. Anna Elysia de Vasconcelos Couto, a fazenda, por testamento foi herdada pelo capitão João Jacintho do Couto Filho e sua mulher, D. Leopoldina Salles do Couto, e também pelo menor José Elysio do Couto.

Em 1902 foi vendida ao Sr. Adrião Alves Bibiano. Nesta ocasião foram feitos um relatório e planta da fazenda pelo engenheiro civil Dr. Manuel C. Madeira Luz, datados de 12 de março de 1903.

Adrião Alves Bibiano era negociante e residia, até então, no Rio de Janeiro. Com a compra da Fazenda Carioca, para lá se transferiu. Durante o período que nela permaneceu, deu ênfase ao fabrico de aguardente, que sempre foi tida como das melhores da região, e à criação de gado bovino.

De acordo com as Escrituras de Venda e Compra de 18/02/1910 e 7/04/1910, o dito proprietário adquiriu 55,5 alqueires de terras, mais ou menos em pastos e sem benfeitoria alguma, do Sr. Francisco de Aguiar Mello, proprietário da Fazenda Caxambu, e, pela escritura de 7/5/1913, adquiriu mais 40 alqueires de terras. Terras essas que confrontam com a Fazenda Carioca. A fazenda ficou aumentada em 95,5 alqueires, passando a ser constituída então de 225,5 alqueires de terras, que eram divididas entre pastos e lavouras de cana-de-açúcar, milho e café. Cultivavam-se ainda feijão, legumes, verduras e frutas para o consumo interno.

Durante esta fase não houve qualquer modificação no interior da sede, que conservou ainda por muitos anos as características das fazendas cafeeiras do século XIX no vale do Paraíba.

De acordo com um recibo de pagamento de material, datado de 1915, foi construído nos arredores da sede um compartimento para a fabricação de manteiga, equipado com todos os vasilhames necessários.

Segundo recibo de pagamento datado de 18 de agosto de 1919, a Fazenda Carioca foi vendida ao Sr. Manoel Augusto de Almeida, fazendeiro, residente até então no distrito do Rosário, município de Juiz de Fora, pela importância de 130 contos de reis. A fazenda até então era constituída de 225 alqueires de terra. A essas terras foram acrescentados mais 38 alqueires, passando dessa forma a ser composta de 263 alqueires de terra.

Nesse estágio ocorreu o enfraquecimento agrícola do café, que há muito não representava o ponto máximo na riqueza do vale, devido, entre outros fatores, ao acelerado esgotamento dos solos.

Assim, a fazenda passou a dedicar-se mais à pecuária, permanecendo até os dias atuais. Foi justamente nessa época que a pequena fábrica de manteiga teve um desenvolvimento acelerado, passando a produzir queijo e requeijão de ótima qualidade, que eram mandados para o Rio de Janeiro, onde eram vendidos por Silvestre Ribeiro & Cia.

Tendo em vista a reconhecida qualidade da manteiga fabricada na Fazenda Carioca, foi conferido ao Sr. Manoel Augusto de Almeida um "Grande Diploma de Honra", pelo Instituto Agrícola Brasileiro, como testemunho de alto valor de sua representação na Primeira Exposição Nacional de Leite e Derivados, em dezembro de 1925.

Além de derivados de leite, deve-se relevar a boa qualidade da aguardente aí fabricada e que também era vendida para municípios vizinhos. As chácaras também tomaram um bom impulso nesta época, com o cultivo de frutas características da região como manga, laranja, banana etc. Cultivavam-se ainda o café, o milho e o feijão para consumo interno.

De acordo com o inventário dos bens deixados por falecimento do Sr. Manoel Augusto de Almeida, datado de 26 de novembro de 1926, as terras da fazenda foram distribuídas entre os dez herdeiros.

Com o casamento de uma das herdeiras, Maria Salles de Almeida, com o imigrante português Augusto de Figueiredo, em 1928, algumas partes foram recuperadas através de compra dos outros herdeiros, mais isso num longo processo. Não existiam mais as lavouras, as fábricas de manteiga e aguardente não mais funcionavam e as chácaras não tinham a mesma beleza.

Em 1976 a Fazenda Carioca pertencia ao Sr. José Salles Figueiredo e compreendia 84 alqueires de terras que eram divididas entre a pecuária, que é sua principal atividade, e o cultivo do milho, feijão e arroz para o consumo interno.

As informações acima foram extraídas do trabalho de autoria de Vera Lúcia Figueiredo sobre a Fazenda Carioca para a Cadeira de Introdução à História da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Vassouras/RJ, 1976.

---

## histórico

---

### Fontes:

Primeiro traslado de escritura de venda, compra e quitação da fazenda denominada "Carioca", 9-08-1902;

Escrituras de compra e venda de uma data de terras que fazem Francisco Aguiar Mello e sua mulher à Adrião Alves Bibiano, 18-02-1910 e 8-04-1910.

Escritura de venda de uma data de terras que fazem Antonio da Cruz Ribeiro, vendedor, e Adrião Alves Bibiano, comprador. 07-05-1913;

Relatório e Planta da Fazenda Carioca. 12-03-1903;

Recibo que faz o Sr. Adrico Alves Bibiano ao Sr. Manoel Augusto de Almeida pelo pagamento relativo à compra e venda da Fazenda Carioca. 18-08-1919;

Inventário dos bens deixados por falecimento do Sr. Manoel Augusto de Almeida. 26-11-1926;

Contas de venda referente à venda de manteiga;

Cartas do Instituto Agrícola Brasileiro ao Sr. Manoel Augusto de Almeida.

Entrevista com o proprietário Sr. José de Salles Figueiredo.